

## Apresentação

È sempre in um rifiuto dela visione diretta che sta la forza di Perseo, ma non in um rifiuto dela realtà del mondo, di mostri in cui gli è toccato di vivere, uma realtà che egli porta com sé, che assume come próprio fardello.

Italo Calvino

Tomemos para nós a alegoria de Calvino, como epígrafe e representação do que se pretende neste número temático da revista *Leitura* nos entrelaçamentos entre a história – espetáculo assombroso do caos e opacidade das existências humanas, que os historiadores lutam para decifrar sob seus próprios códigos – e a construção literária, esta última, como Perseu, conquista sua força na leveza dos pés calçados com sandálias aladas e na recusa do olhar direto, uma recusa que, entretanto, é capaz de atingir num único golpe a cabeça da mais mortífera das górgones. As produções reunidas neste número, de caráter diverso e múltiplo, têm em comum ser o resultado dessa relação, dessa mirada oblíqua da imaginação literária sobre o devir histórico.

A seção *Artigo* inicia-se com a contribuição dessa organizadora ao volume, intitulada *Olhos de pedra: história e monstruosidade em Notre-Dame de Paris*, onde a mirada petrificada da estrige (quicá uma das vítimas da Medusa vencida por Perseu) é testemunho de uma visão de história construída pelo Romantismo como monstruosidade, solidificando no imaginário oitocentista um estereótipo da Idade Média como era obscura, violenta e hierarquizante. Interessante perceber aproximações, diálogos e desdobramentos desse estudo em outras reflexões presentes aqui: desde a relação mais explícita com o artigo escrito por Fellipe Ernesto Barros, *O simulacro e a cópia de Botticelli*, sobre o Quasímodo fonsequiano do conto “O corcunda e a Vênus de Botticelli”, no qual, através de uma

perspectiva interdisciplinar com o campo da arte e da aplicação de categorias como as de *cópia* e *simulacro* aos personagens de Rubem Fonseca, o autor desenvolve uma análise instigante e original; passando por “História(s) de opressão e censura n’O santo inquerito, de Dias Gomes”, de André Luis Mitidieri e Rosana Ramos Chaves, que revela os nexos traçados pelo dramaturgo baiano entre os tempos da perseguição inquisitorial no Brasil-colônia e o contexto da ditadura militar (impossível não ver em Branca Dias as relações intertextuais com a Esmeralda hugoana); e, finalmente, desembocando na meticulosa interpretação de Murilo Alves do romance *Eurico, o presbítero* em “Eurico, o presbítero: o sacerdote-guerreiro entre a literatura e a história”. Neste, a proximidade do livro de Herculano com o gênero popularizado por Walter Scott permite ao autor desenvolver uma análise voltada à contraposição, no interior da obra, entre o Eurico-sacerdote e o Eurico-guerreiro, as duas faces da ordem estamental do medievo – *oratores* e *bellatores* – também semantizadas por Victor Hugo nos personagens Frollo e Febo, de *Notre-Dame de Paris*.

As *performances* escriturais e opções estéticas de um poeta e de uma romancista são a tônica de dois artigos: no primeiro deles, “História e mitos indígenas em O Guesa: uma performance escrita da construção literária”, Ana Santana Souza investiga a ressignificação da História do Brasil e dos mitos indígenas por Souzaândrade, em especial no canto II de O Guesa, num momento em que a figura do índio, na concepção do Romantismo, era alçada à condição de símbolo da nacionalidade; e, em “A composição estética de A intrusa, de Júlia Lopes de Almeida: uma visão do conjunto”, Marcelo Medeiros da Silva mostra-nos como elementos centrais de composição da ficção romanesca, como o estatuto do narrador, a descrição dos ambientes e a caracterização dos personagens permitem observar a *redução estrutural* (na acepção de Antonio Candido) operada pelo texto literário em sua apropriação e transfiguração do real.

Entre os demais artigos, são também duas as contribuições para o campo da história da literatura. Em “A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos”, Antonio de Pádua Dias da Silva faz um levantamento do estatuto e do estado da literatura de temática homoerótica no Brasil, discutindo suas origens, sua trajetória e atuais perspectivas e desdobramentos, em correlação ao quadro histórico de referência. Mais adiante, no artigo intitulado “Cicatrizes urbanas: a violência através da lente do detetive ficcional”, Marcus Vinicius Matias traz um histórico do desenvolvimento da literatura detetivesca, estabelecendo os paralelos entre o período de seu surgimento e o tipo de produção literária que se relaciona a cada contexto.

Ao abordar o gênero crônica, entrecruzando textos escritos por três diferentes autoras – as brasileiras Narcisa Amália de Campos e Clarice Lispector e a cabo-verdiana Vera Duarte –, o artigo de Christina Ramalho “Retratos do cotidiano: a crônica em três vozes”, ao mesmo tempo que oferece um prisma singular sobre algumas crônicas e suas respectivas cronistas, impõe-se também o desafio de abordar escritoras de vasta produção, porém de épocas e culturas distintas. Da crônica ao romance, tem-se ainda, neste volume, a leitura do *Triste fim de Policarpo Quaresma* feita por Ari Denisson da Silva em “O Rio de Janeiro pelos olhos de Lima Barreto”, que destaca o olhar crítico do escritor sobre o processo excludente e elitista das reformas de Pereira Passos, no Rio de Janeiro do início do século XX.

De Gilda Vilela Brandão, temos “Paisagem, história e construção literária”: através do olhar acurado da autora, podemos acompanhar, desde os relatos dos viajantes como Spix e Martius até as canônicas obras de ficção alencarianas, a presença marcante da paisagem na construção da identidade nacional brasileira, conjugando o pertencimento a uma mesma história e a uma mesma realidade social à partilha de um espaço visto, desde a Carta de Caminha, como maravilhoso e edênico, mas também como inóspito e primitivo. E, se no dizer

de Benedict Anderson, a constituição de qualquer *comunidade imaginada* passa pela sedimentação desse lastro de história em comum que justifica o pertencer a um presente coletivo, nada mais apropriado do que a inclusão, neste número, de “Pertencer ao passado”, de Miguel Sanches Neto, a oportunidade única de ter, do próprio autor literário, a arqueologia e a análise de sua obra – nesse caso, o romance histórico *Um amor anarquista*, publicado em 2005 – através da qual o crítico-autor desnuda os profundos questionamentos sobre essa ideia de pertencimento, mas também a profunda convicção de que a literatura sempre tem algo a mais para dizer, algo além e inacessível aos discursos normatizantes da ciência e da historiografia.

Na seção *Resenha*, temos as contribuições de Cilaine Alves Cunha e Julián Fuks, com a crítica dos livros *Gonçalves Dias e a crítica portuguesa no século XIX* e *Poesia Vista*, respectivamente. Por fim, o volume encerra-se, como se diz no samba, com o “auxílio luxuoso” de uma das mais importantes escritoras brasileiras contemporâneas, e amplamente reconhecida, sobretudo, por sua inserção no gênero romance histórico, a cearense Ana Miranda – em entrevista brilhantemente conduzida por Susana Souto Silva.

Tal unidade na diversidade revela-nos que as sandálias de Perseu podem alcançar espaços insuspeitos em seu sobrevoo, e que a trajetória do herói, de toda forma, culmina na vitória sobre a terrível, sobre a paralisante realidade do mundo.

Maceió, julho de 2012.

Ana Claudia Aymoré Martins  
Organizadora